

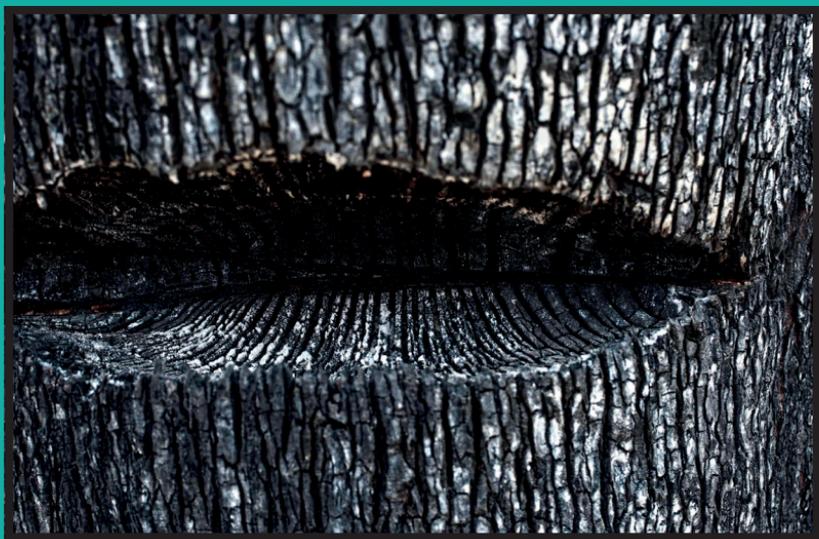
**ELIANE  
BRUM**

---

**Banzeiro òkòtó**  
Uma viagem à Amazônia  
Centro do Mundo



COMPANHIA DAS LETRAS



## 11. onde começa um círculo?

Banzeiro é como o povo do Xingu chama o território de brabeza do rio. É onde com sorte se pode passar, com azar não. É um lugar de perigo entre o de onde se veio e o aonde se quer chegar. Quem rema espera o banzeiro recolher suas garras ou amainar. E silencia porque o barco pode ser virado ou puxado para baixo de repente. Silencia para não acordar a raiva do rio.

Não há sinônimos para banzeiro. Nem tradução. Banzeiro é a quele que é. E só é onde é.

Desde que me mudei para a Amazônia, em agosto de 2017, o banzeiro se mudou do rio para dentro de mim. Não tenho fígado, rins, estômago como as outras pessoas. Tenho banzeiro. Meu coração, dominado pelo redemunho, bate em círculos concêntricos, às vezes tão rápido que não me deixa dormir à noite. E desafina, com frequência sai do tom, se torna uma sinfonia dissonante, o médico diz que é arritmia, mas o médico não sabe de corpos que se misturam. Os médicos dos brancos são obcecados por fronteiras, veem o mundo como os diplomatas europeus, que dividiram a África em uma mesa de negociações na Berlim de 1885. Me dá esse coração aqui, pega o rim para você, em troca desta perna eu te dou o baço e o fígado.

.....

Com esse coração esquecido de bater no ritmo convencional, minha insônia me navega. Meu sangue virou água, e às vezes sinto um peixe fazendo cócegas no meu pâncreas. Outras vezes, toda eu sou envenenada pelo mercúrio que os garimpeiros jogam nas veias do rio e nas suas próprias. Me contorço, viro mutante e ganho guelras podres.

Não aconteceu de repente. Foi acontecendo. Ainda acontece. Nunca mais vai parar de acontecer, acho. A Amazônia não é um lugar para onde vamos carregando nosso corpo, esse somatório de bactérias, células e subjetividades que somos. Não é assim. A Amazônia salta para dentro da gente como num bote de sucuri, estrangula a espinha dorsal do nosso pensamento e nos mistura à medula do planeta. Já não sabemos que eus são aqueles. As pessoas seguem nos chamando por nossos nomes, atendemos, aparentemente estamos com nossas identidades intactas — mas o que somos, já não sabemos. O que nos tornamos não tem nome. Não porque não tenha, mas porque não conhecemos a sua língua.

Se você reparar, todas as minhas metáforas são corpóreas, e nem metáforas são. A Amazônia literaliza tudo. Já não posso ser cartesiana, porque o corpo é tudo e tudo domina. Quem entra na floresta pela primeira vez não sabe o que fazer com os sentidos que sente, com as partes do corpo que desconhecia e que de repente nunca mais a deixará. Em algum momento, adoecem, porque o corpo da cidade, acostumado a fingir que não existe, para poder se robotizar diante do computador, não sabe o que fazer de si.

Esse corpo se ocupava em dez por cento, porque reprimido de tudo, e agora todos os cem por cento lhe chegam de uma vez. E sua de pingar no chão e coça de picadas de piuns e se corta nos tucuns e se arrepia com a água do rio e se encharca de desejo por corpos que não estavam no cardápio. É muito de um tudo

de repente. As pessoas da cidade passam mal, se sentem doentes nas primeiras incursões na Amazônia, porque têm overdose de corpo. Achem que é malária o que é tesão por um corpo que não se sabia.

Aconteceu comigo mais de duas décadas atrás, no final dos anos 1990, nas minhas primeiras vezes na Amazônia como repórter. Eu ia e vinha. E quando voltava para Porto Alegre, da primeira vez, ou para São Paulo, em todas as outras, me chaveava por dentro até voltar a enquadrar meu corpo no espaço de apartamento em que ele se conformava por ter decorado a planta. Meu corpo virava um dois-quartos de classe média, mas o bicho que mora lá no fundo bem fundo tinha provado. E não se deixava esquecer. Então eu voltava para a Amazônia. Ia e vinha, ia e vinha curiosa de mim. Um dia, em janeiro de 2016, eu caminhava com uma amiga pela cidade de Altamira, no Pará. Era estação de chuva, mas estava seco. Os Yudjá da Volta Grande do Xingu chamaram aquele de O Ano do Fim do Mundo. Conto o porquê em outra volta do banheiro, caso não me afogue antes. É fácil se afogar na escrita. Difícil é não se afogar.

Eu ciceroneava minha amiga, a psicanalista Ilana Katz, e um pequeno grupo de pessoas em encontros com os movimentos sociais e ambientais de Altamira. Nosso desejo era criar uma experiência clínica de escuta do sofrimento dos refugiados de Belo Monte, a hidrelétrica que matou uma parte do corpo do Xingu. Desde que a barragem interditou o rio, o Xingu carrega pedaços mortos. Em alguns trechos, arrasta penosamente braços e pernas sem movimento, que chamam de reservatórios ou lagos artificiais. Em outros, seu corpo seca e universos inteiros são asfixiados, como na Volta Grande do Xingu. Os peixes tentam nadar e se reproduzir, mas acabam morrendo, somando-se aos outros cadáveres. A morte não gosta de morrer

sozinha. Vai morrendo em cadeia. A morte não sofre de agorafobia, ela gosta de toda gente, de peixe, carapanã, árvore, nós.

Disse a minha amiga, ali, entre as ruínas da mais violenta cidade amazônica, com o sol pesando sobre a cabeça como uma coroa de chumbo, Vou me mudar para Altamira. Nem eu mesma sabia de onde vinha aquela voz. Mas foi dito. E o que é dito passa a existir.

## 31. desestrutura

Sou jornalista. E como todos os jornalistas, fui treinada a perguntar a idade das pessoas que entrevisto. Isso que chamamos de «civilização ocidental» se desenvolve como linearidade. Parte do zero e vai se dividindo em faixas etárias. Tudo é construído ao redor dessa convenção: as estatísticas, o que devemos sentir, o que acontece com o corpo e com a mente, a qualidade da vida, o momento em que se espera morrer. Vai-se do zero para algum lugar em linha reta. Quanto maior a expectativa de vida, supostamente mais desenvolvida é a nação a que se pertence. As pessoas se pensam com esses números marcados por aniversários registrados em papel e agora também na nuvem. Isso estrutura o pensamento, e uma estrutura é também uma prisão.

Mudar para a Amazônia me desestruturou. A maioria das pessoas pensa que se desestruturar é uma espécie de catástrofe pessoal. Me parece um modo limitado de entender a vida. Quando alguém se desestrutura é porque aquela estrutura à qual se filiava já tinha se tornado insuportável, às vezes a gente nem entende por quê. Todos os esforços serão feitos para que aquela pessoa volte para a filiação, para os seus, «para o rumo». Ela mesma vai tentar de tudo para voltar à antiga forma,

conformar o corpo, conformar-se, enformar-se. Mas seu corpo, e o corpo é o que somos, vai se rebelar. A pessoa vai achar que tem uma mente e tem um corpo, porque Descartes era tremendamente convincente e mais conveniente ainda no momento em que formulou a sua teoria, e sabe-se lá o que se passava com seus testículos quando inventou esse humane partido. Mas não há partição, porque não há parte. Isso que é gente grita, dói e ama, com tudo misturado.

No Ocidente, as mulheres sabem mais disso que os homens, porque sangram, e nesse período são tratadas como anomalias para que a teoria não se desfaça. Não fale com elas, estão loucas. Estão loucas porque viraram corpo. Tenho uma amiga, fotógrafa, que anos atrás jogou um saco de sangue menstrual no Vaticano. Pegou um avião em São Paulo, atravessou um oceano para fazer isso. A menstruação, porém, não combinou com a data da performance, e ela precisou pedir sangue menstrual emprestado de outra mulher. Nenhum problema. Há bastante de nós sangrando pelas vaginas por aí. Devidamente abastecida, foi até a casa do papa e ensanguentou o sagrado.

Fez as fotos. Não foi presa. Lembro que na ocasião cheguei a pensar que era um gesto um tanto exagerado, mais tarde não. Diante da ofensiva dos machos brancos que governavam o mundo no final da segunda década do século 21, como Donald Trump e Jair Bolsonaro, penso num movimento para todas nós — pretas, indígenas, brancas — menstruarmos juntas na Casa Branca, no Palácio do Planalto, em todos esses centros de poder. Avermelharmos tudo. Por enquanto, eu deixaria Francisco imaculado.

Desestruirei-me no Xingu. E desestruturar-se é arriscado, porque uma vez que acontece não há retorno. Significa que você já não pode se conformar a uma estrutura de pensamento único. E com isso, jamais voltará a se sentir confortável, talvez nem

mesmo poderá voltar a ser coerente. Você se descobre desformado. Antes, você estava deformado pela forma. E então você se desforma, mas você não é um bolo. Desformado você pode se transmutar em múltiplas formas, e isso é incrivelmente assustador. Eu não sabia que essa perda de ossos era o que acontecia comigo. Eu a desejava, mas não sabia.

Logo depois da minha decisão de me mudar para Altamira, meu pai morreu. Costumava conversar com meu pai e minha mãe juntos, cada um deles numa extensão do telefone. Ele me disse que estava morrendo naquela última ligação. Minha mãe jura que não, mas eu ouvi, tenho certeza que ouvi. E então parti de São Paulo, onde ainda vivia, para a casa dos meus pais, para a cidade onde nasci, no extremo sul do Brasil. Uma viagem de mais de mil quilômetros, um avião, depois mais seis horas de ônibus. Quando cheguei, meu pai já havia morrido. Supostamente de repente, de um AVC. Só que não.

Conto isso porque eu já vinha me desformando e já não sabia o que era. Não quem, mas *o quê*. O luto agudizou esse processo. Na época eu era casada com um escritor de livros para crianças. E ele me apresentou um livro chamado *Os cinco esquisitos*. Cada personagem tinha uma outra forma de corpo, e eu me lembro de ter me sentido em paz ao me identificar com um deles, cujo corpo flutuante era cheio de buracos. Era como eu me sentia, cada luto um buraco. E percebi que era possível andar pelo mundo cheia de buracos. Eu ainda procurava uma forma, mesmo que ela não fosse convencional.

Outra vez, eu dava uma palestra na Festa Literária das Periferias, no Rio de Janeiro. Estava na Mangueira, conhecida do mundo por ser o berço de uma das escolas de samba mais populares do Carnaval carioca. Quando preciso fazer palestras, eu escrevo um texto e o leio. A escrita me ancora, as palavras desenhadas são a força da gravidade que me mantém no chão.

Naquela ocasião, não sei por que, eu decidi falar sem nada escrito. E então me senti flutuar, era como se não tivesse bordas, nenhuma separação entre mim e as palavras. Quando acabou, um dos organizadores me disse, Achei que você ia se desmanchar na nossa frente. E eu respondi, Eu quase me desmancho, mas o *quase* faz toda a diferença. O que ainda me dá borda no mundo? É uma pergunta que não sei responder.

Percebo agora que não sei por que escolhi esse caminho para a narrativa deste livro. Mas aprendi a não perder nenhuma chance de me perder. Eu comecei a escrever sobre a idade porque esse é o primeiro aviso dos povos da floresta de que aqueles mundos não cabem em linearidades. Eu perguntava quantos anos a pessoa tinha. E ela me olhava, um pouco espantada, mas sempre muito disposta a me dar o que eu queria, e respondia: «Sessenta e cinco». Eu estranhava. Algum tempo depois, às vezes anos, eu voltava a perguntar: «Quantos anos você tem hoje?». E a mesma pessoa respondia: «Vinte e três». Se você quer um número, elas o darão. Mas sem perder jamais a coerência. Cada vez será um número, e não necessariamente em ordem crescente. Uma espécie de negociação, dou o que você quer, mas me mantenho íntegro.

A idade medida em números numa linha reta não faz o menor sentido para quem vive na floresta e se move pela estação da seca e pela estação das chuvas, pelos ciclos de todas as outras gentes, humanas e não humanas, aos quais são intimamente conectados, inclusive porque comem uns aos outros. Por que você precisaria saber quantos anos tem se sabe o que sente, o que pode e o que deseja?

As gentes das florestas acham os brancos muito bizarros. Mas vão vendo no que dá quando nos acompanham em nossas «expedições». Além dos ganhos extras e das alianças, que se tornaram necessárias diante das ofensivas contra a Amazônia,

me parece que em algumas comunidades aceitam nossa presença por uma espécie de curiosidade antropológica, caso essa palavra fizesse sentido para elas. O antropólogo ou o jornalista acha que está observando, mas o tempo todo está sendo observado, com grande divertimento. Somos os porquinhos-da-índia desses povos outros. Estes para quem nós, «os brancos», somos os outros.

Acho que devo uma explicação sobre o que é «branco» neste livro. Pego emprestada a visão do povo Yanomami, que usa a palavra «napê» para «inimigo». Inimigo e branco dividem a mesma palavra, não porque a dividem, mas porque se confundem. Tornam-se outros que são o mesmo.

Branco, neste caso, não depende da cor, mas se refere àqueles que pertencem ao que Davi Kopenawa chama de «povo da mercadoria», ou «comedores de floresta». Se todos os povos originários são chamados de «índios» — como se mais de trezentos povos, que falam mais de duzentas línguas diferentes, isso só no Brasil, pudessem ser nomeados por apenas uma palavra —, nada mais simétrico do que devolver a gentileza chamando-nos a todos de «brancos». Os brancos gostam de se pensar como universais, tanto que não precisariam nem ser nomeados, ao contrário de todas as outras pessoas, que precisam ser identificadas por não pertencer ao clube. Identificadas para não poderem passar da portaria, bem entendido. Usar a palavra «branco» aqui é também uma recusa a essa pretensa universalidade, tratando-a como identidade particular.

Anos atrás, comecei a destrinchar a branquitude também em mim, o que significa que passei a problematizar a identidade político-racial branca como produtora, reprodutora e mantenedora de privilégios, entre eles o da universalidade. Essa é uma conversa muito mais longa. O que desejo trazer para este livro é um conceito que criei a partir desse confronto com

minha condição de branca num país estruturalmente racista. O conceito de «existir violentamente».

Por mais éticos que nós, brancos, possamos ser no plano individual, a nossa condição de brancos num país racista nos lança numa experiência cotidiana em que somos violentos apenas por existir. Quando eu nascço no Brasil, em vez de na Itália, porque as elites brasileiras decidiram branquear o país importando homens e mulheres brancos como meus bisavós, já sou violenta ao nascer. Quando ao meu redor os negros têm os piores empregos e os piores salários, a pior saúde, o pior estudo, a pior casa, a pior vida e a pior morte, eu, na condição de branca, existo violentamente mesmo sem ser uma pessoa violenta.

Em 2014 escrevi um artigo no qual afirmava que, no Brasil, e acredito que também nos Estados Unidos e em outros países estruturalmente racistas, o melhor branco só consegue ser um bom sinhozinho. Porque, sim, ainda somos sinhazinhas e sinhozinhos, mesmo quando buscamos ser igualitários. A desigualdade racial é nossa condição cotidiana. E a experiência de existir violentamente, ou de ser violenta mesmo sem ser violenta, é algo que sempre me corroeu.

É duro reconhecer e sentir nos ossos, a cada dia, que existo violentamente. Não posso escolher o contrário, porque essa é a condição dada a mim neste momento histórico. Mas há algo que posso escolher, que é lutar para que meus netos possam viver num país em que um branco não exista violentamente apenas por ser branco. E para isso eu preciso escutar. E, principalmente, perder privilégios. Uma das questões mais cruciais diz respeito a quanto estamos dispostos a perder para estar com todas as outras pessoas. Porque os brancos precisarão perder para que o Brasil se mova, para que o mundo se mova.

Às vezes, os privilégios mais difíceis de perder são os mais sutis, assim como os mais subjetivos. Por séculos os brancos

falaram praticamente sozinhos, inclusive sobre o que é cultura e sobre o que é pertencimento. Os brancos falaram praticamente sozinhos até sobre o lugar do negro. Mas o primeiro privilégio que perdemos quando as vozes negras começaram a ecoar mais longe foi o da ilusão de que somos «limpinhos» porque não somos racistas. Não somos limpinhos. Porque não há como ser branco e ser limpinho em países onde os negros vivem pior e morrem primeiro. É isso que eu chamo de existir violentamente.

Assumir-me como «branca» e infligir aos leitores também esse recorte identitário marca uma posição neste livro. Davi Kopenawa, xamã e diplomata do povo Yanomami, descreve os livros dos brancos como «pele de papel onde as palavras ficam presas». Nada mais preciso. Nessa pele, me coloco ao lado dos indígenas na luta pela Amazônia, que aqui se torna muito mais do que a floresta propriamente dita. Amplia-se para uma batalha por um mundo compreendido a partir de outro olhar — um olhar no qual as pessoas humanas não estão no centro.

Se me coloco ao lado dos indígenas, porém, entendo que só isso não é suficiente para me absolver da condição de *napë*, inimiga. É também nessa ambivalência que o banheiro me joga. Assumi-la é a única condição possível para escrever um livro como este, uma narrativa na qual busco experimentar outras peles mas, ao final, apesar de todos os meus esforços, só me resta a minha própria, cada vez mais incômoda e apertada demais para um corpo que se desforma. Não há transmutação possível. Quando um *napë* entra na Amazônia, no sentido mais profundo, há que saber que nunca mais caberá no próprio corpo, mas também não será capaz de assumir inteiramente um outro. Nesse sentido, torna-se um sem lugar — ou um sem casa. Estrangeiro em si, por si e para si. Estrangeiro é o outro significado dado pelos Yanomami à palavra «napë».

Não parei de perguntar a idade às pessoas da floresta. Aos poucos fui aprendendo que perguntar a idade não me dava a informação... *sobre a idade*. Mas me ajudava a desvendar algo muito mais importante. O quanto aquela pessoa se deflorestava. Se ela me dizia sua idade exata, sem hesitar, e no ano seguinte ela estava um ano mais velha, a cidade já tinha entrado nela como um formão de aço. Ela então já estava num processo acelerado de se desmisturar da terra. Se deformava para se enformar e conformar. Eu encontraria muitos deformados pela forma em Altamira. Alguns morriam pela força de um arrancamento que vinha como vazio, dissolvendo toda a carne por baixo da pele. Não a morte de antes, a que conheciam e era transformação, aquela em que se continuava a viver como outre, mas a morte sem vir a ser, a morte morta.

---

## Banzeiro òkòtó

«*Amazônia Centro do Mundo é uma ideia viva e, portanto, livre. A experiência de viver na — e com a — floresta mudou radicalmente meu corpo e a experiência de corpo. E esta sou apenas eu. Amazônia Centro do Mundo é movimento poderoso, é ideia que age.*»

Num tom literário inconfundível, Eliane Brum cruza narrativa pessoal e investigação jornalística, oferecendo-nos um livro de histórias da Amazônia: histórias de denúncia de atrocidades, da malha de ligações da natureza e seus povos, e do combate pela sobrevivência. Vivendo há anos nas margens do Rio Xingu, a escritora propõe «amazonizar-se»: mergulha na grande floresta tropical e tece relações com os seus seres humanos e mais-que-humanos.

Narrativa de destruição e resistência, de corrupção e cicatrizes, mas também de encontro e transformação, este livro defende uma mudança matricial face ao colapso climático e ao magnetismo de forças políticas e económicas que antagonizam a Amazônia e tudo o que este organismo vivo representa. Ao deslocar para aqui o *centro do mundo*, Eliane Brum funda uma nova linguagem, para que esta narrativa possa ir ao encontro de si mesma — do *banzeiro*, lugar onde o rio se transforma em vórtice assustador, ao *òkòtó*, palavra iorubá que designa uma concha de espiral infinita. Ao buscar respostas sem se esquivar às questões incómodas, este é um livro feroz e inquietante, terno e inesquecível.

não-ficção literária | 8



Penguin  
Random House  
Grupo Editorial

[www.penguinlivros.pt](http://www.penguinlivros.pt)

  [companhiadasletrasportugal](#)

ISBN: 978-989-583-621-5



9 789895 836215